



BAZAR E JORNAL *OiÓ*: ANTECEDENTES E CARACTERÍSTICAS DE UM VEÍCULO DE JORNALISMO LITERÁRIO E CULTURAL EM GOIÁS¹

BORGES, Rosana Maria Ribeiro, doutora, Universidade Federal de Goiás, GO²

RAMOS, Agatha Castro, graduanda, Universidade Federal de Goiás, GO³

CÂMARA, Fernanda de Aguiar, graduanda, Universidade Federal de Goiás, GO⁴

GONÇALVES, Paloma do Amaral, graduanda, Universidade Federal de Goiás, GO⁵

Resumo:

O artigo tem como *corpus* o Jornal *OiÓ*, um mensário goianiense que circulou entre 1957 e 1958, vinculado à uma livraria denominada Bazar *OiÓ*. Pretendeu-se estipular as características do jornal e, portanto, o texto explana sobre o contexto histórico brasileiro e a História da Imprensa no país para então dissertar sobre o Jornalismo Cultural e Literário em Goiás na década de 1950, com foco no impresso *OiÓ*. O objetivo da produção foi alargar os estudos sobre a imprensa cultural e literária goiana. Para tanto, foram explorados conceitos e ideias de diversos autores que se debruçam sobre o tema tanto regional quanto nacionalmente, tais como Borges e Lima (2008) e Mollo (2016). A abordagem da pesquisa foi qualitativa e o principal método de investigação centrou-se na Análise Cultural, tendo como instrumentos metodológicos o levantamento bibliográfico, a pesquisa documental – possível a partir de edições do Jornal *OiÓ* presentes na Hemeroteca Digital Brasileira – e a análise de conteúdo, feita a partir das informações encontradas em tal acervo. Resultou-se do estudo a certeza sobre a importância, tanto do citado Bazar quanto do Jornal, para o desenvolvimento cultural e literário goiano, pois esses promoviam diversos autores e fomentavam tal conhecimento.

Palavras-chave: História da Mídia Impressa; Bazar e Jornal *OiÓ*; História da Imprensa Goiana; Jornalismo Literário e Cultural em Goiás.

INTRODUÇÃO

O Jornal *OiÓ*, um impresso mensário que circulou entre 1957 e 1958, na cidade de Goiânia (GO), foi escolhido como *corpus* do presente artigo porque apresenta um escopo voltado especificamente para a área cultural e literária em Goiás, sendo essa, de acordo com Borges e Lima (2008), uma abordagem pouco usual entre os jornais do estado. A partir dessa proposição, é relevante considerar que o objetivo do artigo é explicitar o contexto histórico do

¹ Trabalho apresentado no **GT História da Mídia Impressa** do 5º Encontro Regional de História da Mídia – 5º Alcar Centro-Oeste.

² Pós-doutora em Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ), Doutora em Geografia (IESA-UFG), Mestra em Educação Brasileira (FE-UFG), Bacharel em Comunicação Social (DECOM-UFG). Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (FIC-UFG). E-mail: rosana_borges@ufg.br.

³ Graduanda em Jornalismo (FIC-UFG). E-mail: agathacastro@discente.ufg.br.

⁴ Graduanda em Jornalismo (FIC-UFG). E-mail: fernanda_aguiar@discente.ufg.br.

⁵ Graduanda em Jornalismo (FIC-UFG). E-mail: palomaamaral@discente.ufg.br.



Jornal *Oiô* e quais eram as suas principais características, para então considerar como este contribuiu no desenvolvimento da categoria de Jornalismo Literário e Cultural goiano.

Tal objetivo contou com um corpo teórico de diversos autores para amparar a estruturação de análises e contextos expostos, sendo que os principais são: Borges e Lima (2008), dissertando sobre a História da Imprensa Goiana e a imagem criada para Goiás e Mollo (2016), especificando a formação e muitas das características estruturais e estilísticas do jornal.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram a abordagem qualitativa a partir do método de Análise Cultural, tendo como instrumentos de coleta, análise e sistematização de dados o levantamento bibliográfico, a pesquisa documental – utilizando-se de edições do Jornal *Oiô* oriundas do acervo de 12 edições deste, as quais estão presentes na Hemeroteca Digital Brasileira⁶ – e a análise de conteúdo, realizada a partir do próprio periódico.

Dessa forma, o estudo explorou as narrativas do jornal a partir de suas variadas editoriais, dentre elas, a literária e cultural, voltada para a produção de textos e poemas; a religiosa; a artística, envolvendo música, teatro e artes plásticas, além de outras temáticas, tal qual a política e a veiculação de notícias relacionadas a vertente do escopo do jornal e à vida e obra de intelectuais, as quais eram difundidas no impresso, o qual também noticiava a visita de muitos desses quando eram convidados para eventos no Bazar *Oiô*.

O movimento de exposição dos dados perpassa rapidamente pelo contexto histórico brasileiro e goiano em relação à emergência do jornalismo literário no Brasil e em Goiás para depois focar-se no Bazar e no Jornal *Oiô*. Cabe ressaltar que a presente pesquisa foi realizada na disciplina História do Jornalismo, ofertada ao Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG) sob orientação da professora Rosana Borges, e depois acolhida no Grupo de Pesquisa História da Comunicação em Goiás⁷, onde foi debatida e ampliada para que pudesse ser submetida ao presente evento.

EMERGÊNCIA DO JORNALISMO LITERÁRIO NO BRASIL E EM GOIÁS

⁶ O acervo do jornal está disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=843997&PagFis=1>> Acesso em: 12 dez. 2020.

⁷Cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e certificado pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Link para acesso: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9894177026176850.



No Brasil, desde o início da ocupação do território, até a introdução oficial da Imprensa – que ocorreu com a vinda da Corte Portuguesa para o país, em 1808, – passaram-se 277 anos. Com a fuga da Corte Portuguesa para o Brasil, foram trazidos e instalados os equipamentos necessários para colocar em circulação a *Gazeta do Rio de Janeiro*, vinculada à Imprensa Régia, e lançada em 10 de setembro de 1808, sendo o primeiro jornal em língua portuguesa na América (SANT’ANNA, 2007).

No estado de Goiás, o ano de 1830 marcou o surgimento do primeiro jornal editado no Centro-Oeste: *A Matutina Meiapontense*, que perdurou até 1834. Fundado pelo Comendador Joaquim Alves de Oliveira, em Meia Ponte – atual município de Pirenópolis, – o impresso tinha como redator o padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury (CURADO, 2018). Ainda segundo a autora, seu fundador, contrariando o imperador vigente, Dom Pedro I – que não havia atendido ao pedido feito para a instalação de uma tipografia na Província de Goiás, por julgar desnecessário – utilizou seus próprios recursos para adquirir e instalar uma tipografia em Meia Ponte.

O surgimento exato do Jornalismo Literário no Brasil – o qual apresenta a subjetividade literária no texto jornalístico habitual – é incerto. No entanto, um grande expoente brasileiro desta categoria é o livro-reportagem *Canudos: Diário de uma Expedição*, de Euclides da Cunha. O escritor publicou, em 1897, no jornal *O Estado de São Paulo*, dois textos sobre a Guerra de Canudos e, posteriormente, em 1902, tais textos deram origem ao livro *Os Sertões*, clássico que retrata os aspectos socioculturais e políticos da região de Canudos (Bahia) na emergência do século XX (DIANA, 2019).

Além dos citados textos de Euclides da Cunha, publicados no *Estado de São Paulo* e que vieram a se tornar livro, outras publicações também datadas do início do século XX se destacaram associando a Literatura ao Jornalismo. Um exemplo são as reportagens produzidas por Lima Barreto para o jornal *Correio da Manhã*, as quais falavam sobre a demolição do Morro do Castelo, no centro do Rio de Janeiro, e tais produções foram consideradas um dos marcos inaugurais do Jornalismo Literário brasileiro. (COMPANHIA, 2020).

As longas reportagens com exposições, descrições e narrativas detalhadas e significativas estão no cerne dessa vertente jornalística. Ao longo do século XX, várias publicações se apoiaram no estilo, com destaque para a primeira revista semanal do país: *O*



Cruzeiro, criada em 1928, por Assis Chateaubriand (VELASQUEZ, 2009). Além dessa, houve também a revista *Realidade*, criada, em 1966, pela Editora Abril (PEREIRA JÚNIOR, 2009).

Sobre o Jornalismo Literário em Goiás, os estudos que tratam de suas origens ainda são incipientes, sendo, portanto, escassas as fontes acerca do tema, mas tomando por base o que foi pesquisado e organizado até agora, – especialmente por Oliveira e Borges (2015) – o jornal *A Rosa*, criado em 1907, é um marco no estilo literário no estado. Segundo a própria edição – a única encontrada até então e citada na pesquisa de Oliveira e Borges (2015), – o impresso tinha o seguinte objetivo: “a Rosa é orgam litterário e tem por fim o único e exclusivo desenvolver as bellas lettras em nosso meio”, sendo “bellas lettras” referência à seu caráter literário (A ROSA, 1908, p.4).⁸

Fundado em Vila Boa de Goyaz – atual Cidade de Goiás, – o jornal contava com uma jovem redatora, que no futuro se tornaria uma ilustre poetisa e escritora. Cora Coralina tinha apenas dezoito anos quando começou a escrever para o jornal, mesmo assim, seu talento literário já era perceptível e admirável (OLIVEIRA; BORGES, 2015).

Ainda segundo os autores, o jornal *A Rosa* também impulsionou a emancipação feminina na Literatura e no Jornalismo, e além disso, estimulou, no início do século XX, o cenário cultural e intelectual goiano, que viu surgir outros periódicos semelhantes, como o jornal *O Lar*, lançado em 1926.

Com a mudança da capital do estado (atual Cidade de Goiás) para a cidade de Goiânia, em 1937, a cena cultural e intelectual da antiga capital também se voltou para a nova cidade. O período é marcado pelo surgimento de diversos impressos de diferentes escopos, como a *Revista Oeste* (1942), que buscava apresentar o estado de Goiás para o país, além de construir uma imagem de progresso para a nova capital (BORGES, 2010).

De acordo com Sabino Junior (1980), foram fundados ainda vários outros periódicos no período, como o jornal *O Popular* (1938), o *Folha de Goyaz* (1939) e *O Observador* (1945). E então, em 1957, foi lançado o Jornal *Oió*, que entendendo a Literatura como componente de um processo de modernização do estado, se esforçou no sentido de propor a

⁸ Uma digitalização da supracitada edição do jornal *A Rosa* foi cedida pelos pesquisadores para a elaboração desta pesquisa, motivo pelo qual o periódico está sendo citado diretamente.



profissionalização do campo da crítica literária e a estruturação de processos estéticos próprios (COSTA E SILVA, 2018).

Castro (2010) assinala que o Jornalismo Literário – categoria do objeto de estudo deste artigo, o *Jornal Oió*, – é uma junção de técnica jornalística com o fulgor literário, sendo essa uma combinação essencial para a categoria e, para tal, é necessário que o fazer jornalístico utilize de recursos narrativos.

Em contrapartida com o estilo empresarial – que emergiu no Brasil principalmente a partir da década de 1950 – Costa e Silva (2018) assegura que, em meio a um cenário de efervescência jornalística da década do início da segunda metade do século XX, surgiu o *Jornal Oió*: impresso mensal da cidade de Goiânia, que circulou entre fevereiro de 1957 até agosto de 1958. Mesmo com um curto tempo de circulação, suas contribuições para a sociedade goiana foram consideráveis, já que ele impulsionou a produção literária e cultural na cidade e deu visibilidade para muitos autores goianos da época, tal como se verá a seguir.

O JORNAL OIÓ

O Bazar *Oiô* (precursor para a posterior criação do *Jornal Oiô*, seu impresso), de acordo com o *Diário da Manhã* (2017), foi criado por dois irmãos: Olavo Tormin – trabalhador da Caixa Econômica Federal e representante comercial da editora Saraiva e da Companhia Melhoramentos – e seu irmão, Othelo Tormin, também representante comercial. Olavo Tormin teve a ideia e propôs a seu irmão que montassem uma livraria no centro de Goiânia. Othelo Tormin aceitou e os dois inauguraram o Bazar no ano de 1952, sendo a inicial de seus nomes utilizada para nomear a livraria. O Bazar, em seu começo, foi instalado na Avenida Anhanguera e, posteriormente – com a necessidade de um espaço maior – em 1963, foi transferido para a Avenida Goiás (MOLLO, 2016).

Apenas em fevereiro de 1957, o Bazar passou a produzir um periódico mensário de mesmo nome, tendo Olavo Tormin como diretor e Eliézer Penna colaborando como escritor e jornalista, além de desempenhar a função de secretário. Nesse período, Othelo Tormin já havia desfeito a sociedade com seu irmão e apenas Olavo Tormin estava à frente do Bazar, e agora também, *Jornal Oiô* (COSTA E SILVA, 2018).



Segundo Mollo (2016), o Bazar *Oiô* se tratava de um local multifuncional: vendia-se livros, discutia-se em reuniões literárias, debatia-se temas de interesse social e outros. Dentre tais reuniões, grandes nomes da Literatura nacional e internacional compareceram, tal como registra Melo (2002, p. 107): “Numa noite, lá esteve Pablo Neruda. Não contive as lágrimas quando ele autografou o meu livro. Jorge Amado, Cora Coralina, Maria Paula Fleury, Gilberto e José Mendonça Teles lançaram livros lá. Foram eventos relevantes que movimentaram a pouca opção de lazer”.

Compreende-se, portanto, a importância do Bazar e do Jornal *Oiô* para o cenário cultural e literário goiano, possibilitando a visibilidade de artistas locais, além do Bazar também ser palco para a visita de grandes nomes da Literatura nacional e internacional, promover noites literárias, lançamentos de livros e disponibilizar para venda diversos livros e artigos de papelaria, sendo uma das poucas livrarias brasileiras com tamanha estrutura física e logística naquele período (MOLLO, 2016).

Nesse âmbito, é relevante ressaltar a importância de Olavo Tormin – dono e diretor do jornal – em estimular a Literatura e os eventos culturais a partir do Jornal *Oiô*. Olavo estimulava a Literatura em diversos aspectos, desde deixar exemplares de livros da livraria à disposição para leitura para aqueles que não pudessem comprar até a produção do I Congresso de Intelectuais em Goiânia, no ano de 1954 (MOLLO, 2016).

ANÁLISE ESTRUTURAL DO JORNAL *OIÓ*

O Jornal *Oiô* era um mensário que, segundo Mollo (2016), funcionou por um ano e nove meses, contabilizando 21 edições em formato de *standard*, (56 cm x 29 cm), cuja primeira edição data de fevereiro de 1957. O impresso era produzido na gráfica de *O Popular*, com edições de oito páginas, sem uma quantidade fixa de colunas, mas com frequentes textos de 4 colunas rodeados por vários outros anúncios, textos, poemas, imagens e outros. O jornal apresentava diversas editoriais, tais quais a literária e cultural, com textos e poemas; a religiosa; a artística, envolvendo música, teatro, artes plásticas e outras formas de arte, além de outras abordagens, tal como será ilustrado e analisado a seguir, a partir do eixo cultural e literário do conteúdo do periódico.



Figura 1: Exemplo de vários poemas em uma mesma página, dentre eles, o de Cora Coralina e um soneto com o uso da técnica de “enjambement”



Fonte: Jornal *Oio*, ano I, n.6, 6 ed., 1957, p.5.

A Figura 1 evidencia a grande veiculação literária do impresso, tendo na página mostrada muitos poemas com temáticas diversas, como inocência, pessimismo e até um soneto com *enjambement*, que se trata de uma técnica em que a ideia de um verso só termina no próximo, com o intuito de que a palavra que o poeta deseja colocar ênfase seja a primeira do verso posterior e tenha então maior visibilidade (RIGONATTO, 2020).

Seguindo esse viés de abordagem, o jornal apresentava várias temáticas, como a música, a política, o teatro, a religião, buscando explicar assim perspectivas sobre tais assuntos, e estes eram pouco usuais para os impressos da época. Algumas dessas categorias podem ser visualizadas em uma única página do impresso, tal como a que foi inserida na Figura 2, cujas editoriais elucidavam temas que iam desde a diferença entre *jazz* e música popular; a participação de Adolfo Serra, sacerdote e jornalista, que fala ao jornal sobre a questão da necessidade de criação de um círculo universitário católico, ou seja, mostrando seu posicionamento a favor da interação entre a parte religiosa e a intelectual e também a fala de Otavinho Arantes – entrevistado do impresso – sobre a questão cultural de um povo, que segundo ele, poderia ser medida através do teatro que este realiza.



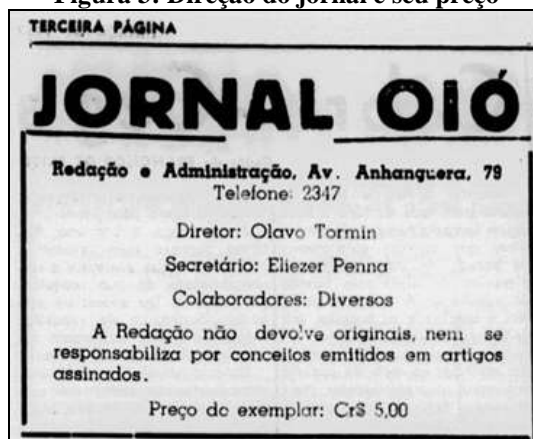
Figura 2: Alguns exemplos de editoriais do jornal *Oiô*



Fonte: *Jornal Oiô*, ano I, n.5, 5 ed., 1957, p.1.

Outra aspecto estrutural do *Oiô* era seu preço de venda, 5 cruzeiros, como visto na Figura 3. Todavia, nos exemplares analisados não foram encontradas informações sobre a tiragem ou mesmo as formas de circulação.

Figura 3: Direção do jornal e seu preço

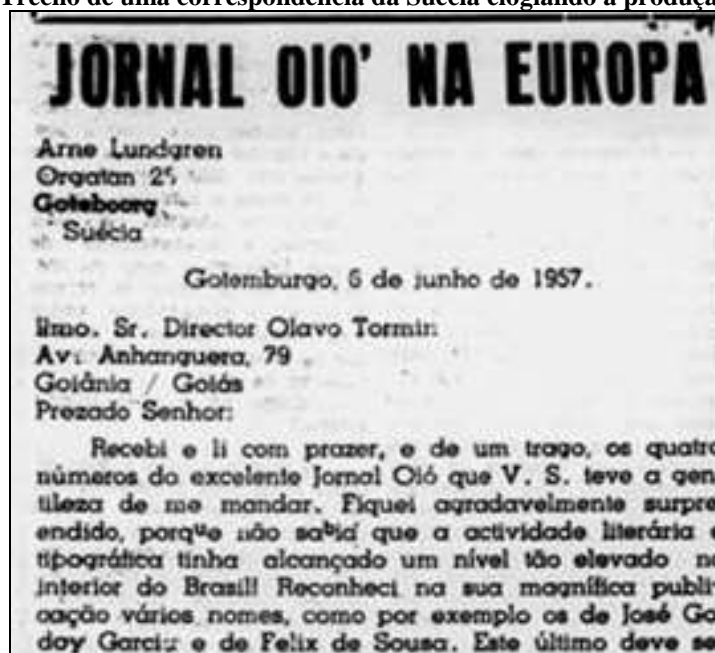


Fonte: *Jornal Oiô*, ano I, n.2, 2 ed., 1957, p.3.



Uma outra questão de grande relevância para o impresso é o fato de que edições do *Oiô* chegaram em outros países, como visto a seguir na Figura 4, cuja correspondência mostra a opinião positiva de uma leitora que vivia em Gotemburgo, Suécia, comentando as quatro edições produzidas até então (fevereiro a maio de 1957). A leitora diz ter ficado agraciada com as edições e ter as lido rapidamente, pois segundo ela, o jornal tinha um conteúdo de qualidade e era de grande relevância no interior do país, afirmando que não imaginava a existência de um veículo como o *Oiô* em uma região brasileira (Centro-Oeste) muito subjugada na época como sendo inferior, inclusive, no quesito literário. Além disso, a leitora relata que reconhece os nomes de grandes autores presentes no jornal, como Domingos Félix de Souza e José Godoy Garcia.

Figura 4: Trecho de uma correspondência da Suécia elogiando a produção do jornal.



Fonte: Jornal *Oiô*, ano I, n.6, 6 ed., 1957, p.3.

Fiel ao seu escopo literário e cultural, o jornal *Oiô* se autodenominava como “Mensário da cultura goiana”. Trazia em suas páginas textos e poemas de grandes escritores, tais quais Bernardo Élis e o citado Domingos Félix de Souza (COSTA E SILVA, 2018). Além disso, o periódico sempre veiculava notícias voltadas à vida cultural, como já em sua primeira edição, que aborda a visita do matemático e escritor, Malba Tahan, ao Bazar *Oiô* e também a morte da poetisa chilena Gabriela Mistral:

5º ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA
 EVENTO REMOTO COM INSCRIÇÕES GRATUITAS

22 E 23 DE MARÇO
 SUBMISSÃO DE TRABALHOS ATÉ 01/03

COMUNICAÇÃO E A HISTORICIDADE DAS CRISES:
 190 ANOS DO JORNALISMO IMPRESSO NO CENTRO-OESTE

ALCAR CENTRO-OESTE
 WWW.ALCARCO.COM

Alcar PPGCOM FIC UFG

FAPEG

Figura 5: Notícia sobre Malba Tahan no Bazar Oiô



Fonte: Jornal Oio, ano I, n.1, 1 ed., 1957, p.1.

A imagem traz a notícia da visita do escritor Júlio César de Mello e Souza, – mais conhecido por seu pseudônimo Malba Tahan – ao *Oio* e o contato que esse teve com intelectuais de Goiás no Bazar. Malba era, além de escritor, matemático e lecionava de uma forma distinta: buscava contar a História da Matemática e era um grande crítico do modo de ensino usual da matéria. Júlio criou o personagem Malba Tahan e estipulou uma biografia fictícia para esse, o qual era seu pseudônimo e, dessa forma, escreveu diversos livros sobre temáticas relacionadas à Matemática e às histórias árabes que tanto apreciava, as quais eram a base dessa “biografia” (SANTANA, 2020). Malba fez uma palestra no *Oio* abordando temas variados, conversou com os participantes e deu autógrafos no local, interagindo em um dos poucos locais do estado que promovia eventos como esse, sendo essa uma das raras formas de lazer da sociedade da época.

Figura 6: Notícia sobre a morte de Gabriela Mistral



Fonte: Jornal Oio, ano I, n.1, 1 ed., 1957, p.8.



Na Figura 6, o jornal *Oiô* noticia a morte da poetisa chilena Gabriela Mistral, a qual havia falecido em 10 de janeiro de 1957. Pseudônimo para Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga, que era uma poetisa chilena, educadora e diplomata. Lucila, desde cedo, apresentou um grande interesse pela escrita e pela docência, vislumbrando a educação como um dos pontos primordiais da humanidade. Gabriela Mistral foi o primeiro nome da América Latina a conquistar o Prêmio Nobel de Literatura, em 1945 (FRAZÃO, 2020).

Um outro momento marcante para o Jornal *Oiô* foi a visita do político comunista brasileiro Luís Carlos Prestes, o qual participou de importantes movimentos brasileiros, tais quais a Revolta Tenentista (1924), que tinha como objetivo a luta contra a oligarquia vigente. Além disso, Prestes promoveu a chamada “Coluna Prestes”, que foi um movimento no qual 1.500 homens atravessaram 13 estados brasileiros, buscando entender e vivenciar a realidade do interior do Brasil. Após a finalização do percurso, o qual durou cerca de dois anos e meio, os militantes buscaram asilo em países que faziam fronteira com o Brasil. Em suma, depois desse período Prestes estudou e se tornou adepto dos ideais comunistas, casou-se com Olga Benário, uma alemã judia comunista do Partido Comunista Alemão e se filiou ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), sendo preso em 1936 por ser contrário ao governo de Vargas. Olga foi enviada grávida para a Alemanha, na iminência da Segunda Guerra no âmbito do apogeu dos ideais nazistas e essa morreu em 1942 em um campo de concentração (VELASCO, 2020). A imagem a seguir mostra a visita do político ao *Oiô*:

Figura 7: Luís Carlos Prestes (primeiro da esquerda para a direita) visitando o Bazar.



Fonte: *Goiás Ilustrado*, sem data.



Segundo Mollo (2016), mesmo essa foto sendo em 1957, posteriormente, quando a Ditadura Militar começou no país, em 1964, as pessoas que estavam nela foram investigadas apenas por estarem na mesma foto que Prestes, sendo que a maioria delas não tinham nenhum envolvimento com o Comunismo ou com ideais análogos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jornal *Oiô* (1957-1958) foi criado em uma cidade de pouco mais do que 20 anos, levando em consideração que Goiânia foi criada em 1933. Dessa forma, evidencia-se que o Jornal e o Bazar *Oiô* auxiliaram no processo de formação do Jornalismo Literário no estado e fomentaram a produção cultural e literária nesse. Seu contexto de produção foi em meio à grande efervescência cultural do Bazar – como evidenciado com as tantas noites literárias e lançamentos de livros – o que influenciava as publicações do jornal (que noticiava tais eventos). O impresso contava também com frequentes contribuições de grandes artistas formando seu corpo teórico, tais quais Félix de Souza e Bernardo Élis, como citados anteriormente.

Em relação à política, Pessoni (2020) expõe que o prefeito de Goiânia, de 1955 a 1959, ou seja, período que engloba o tempo que o Jornal *Oiô* funcionou, era João de Paula Teixeira Filho. Como visto durante as proposições do presente artigo, durante o período de funcionamento do Jornal não houve censura e vigilância de suas produções. Entretanto, segundo Mollo (2016), o Bazar *Oiô*, que mesmo depois do fim do Jornal – ocasionado pelos altos custos de impressão desse, – continuou existindo em seu mesmo ritmo, sofreu com condições de repressão a partir de 1964, ano do início da Ditadura Militar no país.

A partir de então, o contexto mudou e locais como o Bazar *Oiô* passaram a ser vigiados e censurados, sendo um exemplo máximo disso a prisão de Olavo Tormin, em 1969, em que esse fora levado do Bazar por policiais e ficou 1 mês e 3 dias encarcerado no 10º Batalhão de Caçadores. Além disso, uma grande parte do estoque do estabelecimento fora levada, assim como muitos bens de Tormin e sua família, o que culminou na decadência do Bazar, que teve o fim de suas atividades em 1974 (MOLLO, 2016).

O Bazar representava uma ameaça ao governo ditatorial da época, já que vendia livros – e teve muitos deles confiscados, – fazia reuniões de intelectuais – as quais diminuiriam



muito pelo receio social de ser apreendido por denúncias, – além de ser um local que sempre contou com a presença de professores, estudantes, políticos e seria, na perspectiva dos censores, um local propício para se planejar algo contra o governo vigente (MOLLO, 2016).

Considerando que o objetivo do artigo se constituiu como a busca em expor o contexto histórico que influenciou o Jornal *Oiô* e evidenciar as características deste impresso, – sendo possível considerar como este influenciou no desenvolvimento da categoria de Jornalismo Literário e Cultural no estado, – o anseio do texto foi obtido.

Pode-se fazer tal afirmação, pois o Bazar e o Jornal trouxeram atividades voltadas para Literatura, – como descrito por Mollo (2016) – promovendo noites literárias, lançamentos de livros e visitas de intelectuais, as quais foram de extrema importância para o desenvolvimento cultural da cidade, que não tinha muita abrangência sobre tais questões, já que Goiânia tinha pouco mais de 20 anos no período.

Essas ações foram de grande relevância, visto que pessoas ilustres do meio, como o poeta internacional e, posteriormente, ganhador do Prêmio Nobel de 1971, Pablo Neruda, vieram à incipiente cidade de Goiânia para encontros no Bazar. Além disso, lançamentos de livros como os de Cora Coralina e as frequentes publicações de grandes autores – como Bernardo Élis e Domingos Félix de Souza, – no impresso, impulsionaram as produções e eventos literários e culturais do estado, essenciais para a produção intelectual goiana.

O Bazar e o Jornal fomentavam o entendimento e a busca por informações relacionadas à questões como Literatura, Cultura, Política e afins, o que configura uma ação com o intuito de despertar a sociedade goiana, – que se encontrava distante de tais temáticas e, muito provavelmente, alienada em relação à elas, além de influenciar o futuro Jornalismo do estado nas décadas seguintes.

É importante ressaltar também que o jornal conseguiu chegar até mesmo em outros países, como visto no depoimento de uma carta de uma leitora na Suécia (país europeu) exposta na seção sobre a análise do jornal, sendo isso algo difícil para a época. A livraria e o Jornal, configuram-se, portanto, como grandes impulsionadores da produção e conhecimento literário e cultural goiano da época, como pressuposto no início do texto.

REFERÊNCIAS



_____ ; LIMA, Angelita Pereira de;. **História da imprensa goiana: dos velhos tempos da Colônia à modernidade mercadológica.** Revista UFG, Goiânia, v. 10, n. 5, p. 68-87, 2008. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/694/o/05_09_Dossie9.pdf> Acesso em: 24 nov. 2020.

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo Literário uma introdução.** 2010. Disponível em: <https://www.academia.edu/40828132/Gustavo_Castro_Jornalismo_Liter%C3%A1rio_uma_introdu%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 08 dez. 2020.

COMPANHIA das Letras. **Lima Barreto.** 2020. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02224>> Acesso em: 16 dez. 2020.

COSTA E SILVA, Fernando. **O jornal Oiô na formação do campo literário goiano em 1957 e 1958.** Goiânia, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8967/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Fernando%20Costa%20e%20Silva%20-%202018.pdf>> Acesso em: 29 nov. 2020.

CURADO, Alessandra Rodrigues de Oliveira. **Jornal A Matutina Meiapontense no Contexto da Abdicação de Dom Pedro I: uma análise a partir da esfera pública de Habermas.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

DIANA, Daniela Biason Gomes. **Os Sertões, de Euclides da Cunha.** *S. l. : s. n. J.*, 2019. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/os-sertoos-de-euclides-da-cunha/>> Acesso em: 07 dez. 2020.

DIÁRIO da Manhã. **Olavo Tormin: uma história que não pode ser esquecida.** Goiânia, 2017. Disponível em: <<https://www.dm.jor.br/entretenimento/2017/11/olavo-tormin-uma-historia-que-nao-pode-ser-esquecida/>> Acesso em: 25 nov. 2020.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Gabriela Mistral.** *S. l. : s. n. J.*, 2020. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/gabriela_mistral/> Acesso em: 05 dez. 2020.

GOIÁS ILUSTRADO. **No tempo do Bazar Oiô.** Goiânia, v. 4, p.29, 1984.

MELO, Orlinda Maria de Fátima Carrijo. **A invenção da cidade: leitura e leitores.** 2002. 211p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252168>>. Acesso em: 21 dez. 2020.

MOLLO, Lúcia Tormin. **Bazar Oiô: uma livraria, um livreiro e um campo literário.** Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23894/1/2016_L%3%baciaTorminMollo.pdf> Acesso em: 05 dez. 2020.

OLIVEIRA, Júnior César Pereira de; BORGES, Rosana Maria Ribeiro. **Jornal A Rosa (1907): Cora Coralina e o nascimento da imprensa feminina e literária em Goiás.** In: MAIA, Juarez Ferraz de. **Estudos Contemporâneos em Jornalismo: Atualidades.** Goiânia: Editora UFG, 2015, p. 145-164.



> Acesso em: 05 dez. 2020.

PEREIRA JÚNIOR, Dimas Sales. **Realidade**. Rio de Janeiro: CPDOC FGV, 2009©. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/realidade>> Acesso em: 17 dez. 2020.

PESSONI, Carolina. **História de Goiânia passa pelas gestões de 24 prefeitos diferentes**. Goiânia, 2020. Disponível em: <<https://www.aredacao.com.br/noticias/141065/historia-de-goiania-passa-pelas-gestoes-de-24-prefeitos-diferentes>> Acesso em: 16 dez. 2020.

RIGONATTO, Mariana. **O que é cavalgamento?**. *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-cavalgamento.htm>> Acesso em 17 de dezembro de 2020.

SANTANA, Ana Lucia. **Malba Tahan**. *S. l .: s. n .J*, 2020. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/biografias/malba-tahan/>> Acesso em: 17 dez. 2020.

SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. **Portugal e Brasil: a imprensa literária e o início da imprensa ilustrada Portugal and Brazil: from literary**. *Patrimônio e Memória*, v. 3, n. 2, 2007, p. 14-42. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107543>> Acesso em: 07 dez. 2020.

VELASCO, Valquiria. Luís Carlos Prestes. *S. l .: s. n .J*, 2020. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/biografias/luis-carlos-prestes/>> Acesso em: 18 dez. 2020.

VELASQUEZ, Muza Clara Chaves. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro: CPDOC FGV, 2009©. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/cruzeiro-o>> Acesso em: 17 dez. 2020.